

HUMANITAS

ANUARIO DEL CENTRO DE ESTUDIOS HUMANÍSTICOS

22



FONDO UNIVERSITARIO



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE NUEVO LEÓN

1981

O ACERCAMENTO HISTÓRICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

DRA. ALMA SILVIA RODRÍGUEZ DE FLORES

A PENÍNSULA IBÉRICA ou Hispânica foi habitada desde os mais remotos tempos. Embora a pré-história e a história pré-romana da Península seja obscura e nebulosa. As hipóteses encontram-se ainda no período de conjecturas e de opiniões. Com os dados que se dispõem chegou-se à conclusão que uma série de invasões se processaram aí, aparecendo os nomes dos lígures, ilírios, ibéricos, celtas, fenícios, cartagineses e gregos.

Das linguas desses povos quase nada conservam-se. Com relativa segurança atribui-se origem pré-romana apenas a uns quantos topônimos que revelam formação céltica. "No vocabulário geral não é menor a contribuição deste povo: *camisa* (camisa), *saio*, *saia* (sagum), *cabana* (cappana), *cerveja* (cervisia), *légua* (leuca), *salmão* (salmo), *carro* (carrus), *carpinteiro* (carpentarius), *brío* (brigos) . . . Devese notar que muitos destes vocábulos celtas entraram na lingua portuguêsã através do latim que recebeu-os e acomodou-os à sua fonética. Por isto, evoluíram foneticamente como os genuinamente latinos".¹

O que aconteceu na Península Ibérica, aconteceu semelhantemente em grande parte da Romania. Iniciada a conquista da Península pelos romanos no século III a. C., os conquistadores ao mesmo tempo que conquistavam, iam implantando nele a sua civilização e a sua lingua.

Como efeito da conquista os dominadores dividiram a Península em províncias: Terraconense, Cartaginense e Galéica (Citerior), Bética e Lusitânia (Ulterior). Os mais antigos testemunhos históricos da luta dos romanos com os lusitanos datam do ano 193 a. C., mas os romanos só conseguiram dominar a Lusitânia em 25, quando Augusto, em pessoa, comandou as suas legiões.

¹ DA SILVEIRA BUENO, FRANCISCO, *A Formação Histórica da Língua Portuguêsã*. Biblioteca Brasileira de Filologia No. 6. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1958, p. 24.

Como se vê, os contactos entre os romanos e lusitanos tiveram início mais de século e meio depois do desembarque das tropas romanas no sul da Espanha.

Foi, então, a partir de Augusto que o latim tornou-se a língua comum de quase toda a Península. Da propagação do latim temos o texto do geógrafo grego Estrabão e milhares de inscrições. Mas o latim encontrado em Portugal já se diferenciava daquele entrado na Bética no século III a. C.

O latim divulgado na Lusitânia apresentava características muito suas e profundamente diferenciadas: era arcaico, isto é, o latim dos primeiros tempos; e muito dialectal, mas em evolução. Como consequência o idioma apresentava: "mudança de acentuação tónica, sonorização das surdas, síncope das sonoras, vocalização da gutural surda *c* e da vibrante *l*, da hipértese do *iod*",² além dos factos fonéticos que continuaram a produzir-se na época da romanização, prolongando-se ainda no romance português.

Dentro deste quadro geral, ao mesmo tempo que o latim se transformava em galego-português na Lusitânia, outras línguas se desenvolveram pela Romania. Os factos históricos vieram contribuir para ativar o processo de dialectalização, de tal forma que, em fins do século V, os falares regionais já estavam mais próximos das línguas românicas do que do próprio Latim. Começa então uma fase de transição que termina com o aparecimento das línguas chamadas românicas, romances ou neolatinas. Segundo Meyer-Lübke, as línguas dividem-se em: francês (séc. IX), espanhol (séc. X), italiano (séc. X), sardo (séc. XI), provençal (séc. XII), rético (séc. XII), catalão (séc. XIII), português (séc. XIII), dálmata (séc. XIV) e rumeno (séc. XVI).

Temos pois como o latim transformou-se em tantas línguas para acomodar-se a antigos hábitos de pronúncia dos povos que o adoptaram.

Pelo que toca a Portugal, antes de começar a usar-se o português, falava-se uma língua em evolução e se escrevia em latim. Este é o período pre-histórico. O traço do latim nesta época aparece muito acentuado e não é lícito falar ainda do português como idioma quando Portugal ainda não existe.

Séculos precederam a fundação do Condado Portucalense. Portanto neste período somente podemos falar da formação do português *pre-*(das origens até o séc. IX) o *proto-histórico* (IX-XII).

No século V despejaram-se sobre a Península as hordas bárbaras. No ano 407 vieram à Lusitânia os álanos, exterminados em pouco tempo; os suevos fixaram-se na Galizia tendo fundado um reino que durou até 456, quando foram vencidos pelos visigodos. E os vândalos que abandonaram a Bética, passaram a Africa onde destruíram Cartago.

² *Ibid.*, p. 30.

Os mais importantes de todos foram os visigodos. Estabelecidos na Provença por três séculos, a monarquia visigoda foi desenvolvendo-se, até que, enfraquecida por distensões internas, foram vencidos pelos árabes.

Os godos, arianos a princípio, esquivaram-se de conviver com a população, mas ao cabo de algum tempo (com Recaredo, 568) irmanaram-se com os vencidos e acabaram por aceitar deles a cultura e a fala. Adoptando, porém, o latim hispânico.

Por êste e outros factores, a contribuição germânica foi pequena e de pouca monta. Excluindo os nomes próprios de pessoas e de lugar, Menéndez Pidal avalia em 300 os vocábulos de origem goda. Bom número de nomes designativos da vida militar: guerra, bandeira, dardo, trégua, luva, albergue, etc.; de instituições políticas, sociais, judiciárias: bedel, feudo, bando, embaixada, escárnio, orgulho, espia, etc.; e de coisas da casa, o vestido e os utensílos: albergue, coifa, sala, banco, roupa, ataviar, etc.³

Em 711 surgem no sul de Espanha, vindos da Africa, os primeiros berberes. Em oito séculos de dominação (711-1492), os árabes desenvolveram uma civilização notabilíssima no sul da Península. A dominação foi predominante no sul e no centro; o norte e o noroeste permaneceram isentos desta dominação até 977. Por esta razão foi justamente desse norte e noreste da Espanha que partiu a reconquista. Vê-se, portanto, que a influencia árabe não poderá ser de grande importância. A sua dominação não se manteve mais de quarenta anos nos territórios de Galizia e Portugal. O contacto foi com os moçárabes.

Mas, de certo, com os árabes floresceram na Península as ciências e as artes; houve grande incremento da agricultura, da indústria e do comércio; introduziram-se inúmeras palavras para designar novos e variados conhecimentos. Calcula-se em quatro mil o número de vocábulos espanhóis de origem árabe, excluídos os topônimos; e entre quatrocentos e mil termos em português.

Foi durante o domínio árabe que se acentuaram as características distintivas dos romances peninsulares. No português, depois do latim, foi o árabe que forneceu o maior contingente de palavras para a formação do léxico. A razão disto foi que a recepção dos arabismos ocorreu numa época em que já se haviam realizado as mudanças essenciais na disposição fonética das palavras latinas.⁴

Os empréstimos de origem árabe, quase todas substantivos, referem-se:

a) guerra: alcácar, adaga, arsenal, alferes, adail, etc.

³ Cfr. *Ibid.*, p. 118.

⁴ Cfr. *Ibid.*, p. 120.

- b) alimentos: arroz, acelga, azeite, alcachofra, açúcar, etc.
- c) casa: adobe, azulejo, açoteia, alcova, saguão, etc.
- d) profissões: alfaiate, algibebe, albârdeiro, etc.
- e) vida social: aldeia, aduana, alfândega, alambique, etc.
- f) música: alaúde, tambor, anafil, etc.
- g) administração: califa, emir, vizir, aguazil, etc.
- h) ciência: álgebra, algarismo, cifra, zero, etc.⁵

Foi vária a sorte da língua portuguesa. O dialecto que compreendia a Galizia e a faixa lusitana entre o Douro e o Minho, constituiu-se em uma unidade linguística. "Os documentos em romance, testamentos, partilhas, genealogias, cantigas d'amor e d'amigo, d'escárnio e maldizer... podem ser tidos... galeo-portuguêses. A diferenciação dialectal já se anuncia numa e noutra margem do Minho, mas somente do século XV em diante, estendendo-se para o sul até o Algarve, assimilando os moçárabes, pondo Lisboa por capital, é que a expressão se torna portuguesa, lusa, não só por ser a língua de um Estado, de uma Nação, mas sobretudo porque os seus fenómenos característicos já de tal modo se acentuaram que não podem mais ser confundidos com os do galego".⁶

Estamos então em plena fase de diferenciação. As cruzadas contra os mouros já havvian começado. D. Henrique, Conde Borgonha, recebe do rei D. Alfonso VI, a mão de sua filha D. Tareja e o Condado Portucalense. Libertado da tutela de D. Raimundo, senhor da Galizia, D. Henrique pasa a obedecer ao rei de Leão. Depois assume o governo do Condado. Em 1128, seu filho, D. Alfonso Henriques, toma as rédeas do govêrno. Em 1139 fêz-se proclamar rei de Portugal e em 1143, Alfonso VII reconhece-lhe a sua realeza, atificada em 1179 pelo Papa Alexandre III.

D. Alfonso Henriquez e os seus sucessores prosseguem na luta contra os mouros até 1250, quando D. Alfonso III fixa os limites do Portugal de hoje.

Com a indepêndencia de Portugal o galego-português foi estendendo-se para o sul, tomando-se como língua oficial do reino. Mas o galego-português do norte continuou a sua própria história, por isso, o que até o século XII era a mesma língua, já são duas línguas no século XVI: o galego e o português.

O idioma provàvelmente, teria contornos definidos desde o século VI, mas é só a partir do século IX que podemos assegurar a sua existência por alguns vestígios que se encontraram em documentos de latim bárbaro. Por eles vê-se

⁵ Cfr. *Ibid.*, p. 121.

⁶ *Ibid.*, p. 58.

que o português se formou em época muito anterior. Mas os documentos escritos mais antigos que se conhecem datam do século XII.

O período histórico vem do século XII aos nossos dias e, como o indica o nome, caracteriza-se pela documentação dos textos já inteiramente lavrados em português.

"As principais criações românicas para o português são: a) criação do artigo definido e indefinido; b) criação de uma conjugação específica para o verbo *pôr* e compostos; c) criação do futuro simples e do condicional; d) formação do plural pelo *s do* acusativo plural latino das cinco declinações; e) criação do pretérito perfeito e maisque-perfeito *compostos* do indicativo e do subjuntivo, bem como do condicional composto e do futuro de subjuntivo; f) criação do infinito pessoal, que constitui um idiotismo na língua; g) aparecimento do verbo *haver* com significação de existir, substituindo o verbo *ser* latino (outro idiotismo): *sunt homines - há homens*, etc.; h) criação do futuro do indicativo e do condicional. O povo devido à ligeira semelhança flexional do futuro imperfeito do indicativo com as do pretérito imperfeito, confundiu-as: *Fut. do I.* amabo, amabis, amabit, etc. *Imperf. do Ind.* amabam, amabas, amabat, etc. Dessa confusão desapareceu o futuro, que por ser menos usado foi substituído pelo infinito do verbo que se conjugava com o presente do indicativo do verbo *habere*: Latim: Amare-habeo, amare-habes, amare-habet. Português: *amar-hei* — amarei, *amar-has* — amarás, *amar-ha* — amarás, amare-habemus, amare-habetis, *mare-habent* (amar-havemos), (amar-haveis), *amar-hemos* — amaremos, *amar-heis* — amareis, *amar-hão* — amarão, *laudare-habeo*, *debere-habeo*, *partire-habemos*, *pónere-habeo*, *louvar-hei*, *dever-hei*, *partir-hemos*, *por-hei*, *deverei*, *partiremos*, *porei*, etc. Não possuindo o latim o condicional, por analogia à criação do futuro, o povo romano, formou-o, unindo ao tema infinitivo as formas do imperf. do ind. do verbo *habere*: *Amare-habebam*, *legar habebant*, *amare (hav)ia*, ler-(hav)iam, que em latim vulgar seria *amare-hia*, *amaria*, *leriam*, etc."⁷

Mas voltando ao século XII como início do português histórico, distinguiremos na evolução do idioma as seguintes etapas:

- 1) Latim lusitânico, língua falada na Lusitânia, desde a implantação do latim até o século V;
- 2) Romance lusitânico, língua falada na Lusitânia, do século VI ao século IX, da qual, como da fase anterior, não há nenhum documento escrito;

⁷ MESQUITA DE CARVALHO, J., *Diccionario Práctico Da Língua Nacional*, Ed. Egéria, S. A., São Paulo, 1968, p. 1017.

- 3) Português proto-histórico, língua falada na Lusitânia, do século IX até fins do século XII;
- 4) Português arcaico, que vai de princípios de século XII até à primeira metade do século XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente;
- 5) e o português moderno, que se estende da segunda metade do século XVI até a os nossos dias.

O Período proto-histórico, caracteriza-se pela documentação indirecta. Isto é, as palavras portuguesas insertas nos textos latinos da Idade Média. O português arcaico, ou propriamente histórico, legou à história: os textos de leis, *Cancioneros*, a história do *Santo Graal*, a de *Santo Amaro*, o *Livro de Esopo*, as *Crônicas* de Fernão Lopes e várias outras obras que datam de meados do século XVI, tempo da morte de Gil Vicente (1536), e o aparecimento da primeira gramática, *Grammatica da Linguagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira. O início do português moderno foi sobretudo fecundo no género propriamente poético e em narrações e descrições relativas às conquistas do ultramar. Aparece Luís de Camões com o imortal poema *Os Lusíadas* publicado em 1572. Camões foi quem deu feição nova e definitiva à língua literária. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influencia fêz-se sentir na literatura de então até aos nossos dias. Por fins do século XVI e primeiros anos do século XVII, escreveram Frei Luis de Sousa, Rodriguez Lôbo, Gabriel Pereira de Castro, Manuel Bernardes e outros. O século XVIII é o das academias literárias. Aparecem os famosos ortógrafos Monte Carmelo e Madureira Feijó. A cultura francesa passa a ser, em Portugal como em outras partes, a principal fonte de inspiração. Floresce a poesia e os novos rumos literários haverão de ter grande influência no futuro da língua portuguesa no Brasil.

A primeira das línguas que se expandiram fora da Europa foi, pois, a portuguesa. Com os descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI, os portugueses ampliaram enormemente o império da sua língua levando-la a Africa, América e Oceânia.

Temos assim que por efeito da expansão lusitana, a língua portuguesa é falada actualmente em: Açores, Madeira, e no Brasil; na Africa, em Cabo Verde, Guiné e ilhas de S. Tomé, Príncipe e Ano-Bom, Angola, Moçambique, Zanzibar, Mombaça, Melinde e Quíloa; na Asia em Diu, Damão, Bombaim, Caul, Boçaim, Goa Mongalor, Cananar, Maé, Cochim, costa de Coromandel (India), Ceilão e Macau (China); na Malásia, em Java, Malaca, Singapura, e em Timor. Nesse ordem pode-se gizar o seguinte esquema da língua:

- 1) *Língua comun:*
 - a) Portugal
 - b) Brasil

2) *Linguagem regional:*

A) *Falares:*

- 1) de Portugal
- 2) do Brasil
- 3) açoriano
- 4) madeirense

B) *Crioulos:*

- 1) indo-português
- 2) malaio-português
- 3) caboverdiano
- 4) guineense
- 5) São Tomé, Príncipe, Ano Bom, Macau.⁸

O português entrou no Brasil em convivência com o tupi-guarani. Tornada língua da comunicação conservaram-se as formas que em Portugal ficaram documentadas nos textos do século XV. As diferenças foram então devidas à influência do elemento indígena e do africano. Embora diante da história do Brasil Silva Neto afirma que: "no português brasileiro não há, positivamente, influência de línguas africanas ou ameríndias. O que há são cicatrizes da tósca aprendizagem que da língua portuguesa, por causa de sua misera condição social, fizeram os negros e os índios".⁹

Daqui mesmo é necessário conceituar que a língua brasileira é pois a portuguesa com um tipo geral de pronúncia diverso, com o vocabulário enriquecido com os idiomas africanos-principalmente o banto-e com algumas diferenças sintácticas. Isto é, a "língua brasileira".

A feição literária da língua foi cultivada desde os primórdios. No século XVIII escritores brasileiros alcançaram já os portugueses. Daí nasce um

⁸ Cfr. DA SILVA NETO, Serafim, *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. Biblioteca Científica Brasileira. (Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1963), p. 30.

⁹ *Ibid.*, p. 107.

anseio por literatura própria, um anseio por uma expressão linguística reflexo da sensibilidade do brasileiro. "O brasileiro literário é, pois, uma atitude em face do material linguístico, uma atitude em face da concepção da vida e da visão do mundo".¹⁰

A chegada de D. João VI, em 1807 veio alargar os horizontes. O governo providenciou a criação de escolas e a ascensão social doméstica. A ação das escolas, além de outros factores propiciou a evolução política e literária do Brasil.

Mas o que tem enorme importância é que, por sobre a estagnação do ambiente, desde o século XVI, surgiram as primeiras manifestações literárias. Lembramos-nos de Bento Teixeira, Gregório de Matos, Vicente do Salvador e António Vieira. No século XVIII, António Gonzaga, Manuel da Costa, Matias Aires e outros.

Mas a literatura realmente nacional só começa com os Românticos. Formada o espírito nacional, eles foram os primeiros em trabalhar a língua brasileira. Macedo, Alencar, Guimarães, Humberto de Campos, Machado de Assis, Afrânio Peixoto, afirmaram a língua literária fundada na linguagem adquirida.

Machado de Assis, sem dúvida o mais perfeito modelo de língua brasileira, soube criar uma arte sóbria e harmoniosa onde conseguiu-se fundir a *linguagem transmitida* com a *linguagem adquirida*.

Em 1920, surge a geração modernista com Mário de Andrade. Tristão de Ataíde, que acompanhou-a de perto, caracteriza-a como um movimento acima de tudo, *anti*. Esse espírito brasileiro não se caracteriza pelo contra, mas pelo anseio de independência literária.¹¹

Pode-se assim afirmar que esta expressão imbuída de forte espírito de nacionalismo regional, de rebeldia literária, tornou-se a matéria-prima da nova literatura nascente no Brasil, hoje uma das mais ricas literaturas modernas.

BIBLIOGRAFIA

- DA SILVA NETO, Serafim, *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. Biblioteca Científica Brasileira. (Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1963).
- DA SILVEIRA BUENO, Francisco. *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*. Biblioteca Brasileira de Filologia No. 6. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1958.
- MESQUITA DE CARVALHO, J., *Dicionário Prático Da Língua Nacional*, Ed. Egéria, S. A., São Paulo, 1968.

¹⁰ *Ibid.*, p. 107.

¹¹ *Cfr. Ibid.*, pp. 241-269.

ELEMENTOS PARA UNA TEORÍA DE LA TRADUCCIÓN

LIC. HERÓN PÉREZ MARTÍNEZ

I. Presupuestos lingüísticos del traducir

I. 1 TRADUCIR.—Suele entenderse por traducir una "transposición de ideas" de una lengua a otra. Sin que la formulación anterior sea una "definición" en el sentido estricto del término, en la práctica este concepto está implícito, y a veces no tanto, en la actividad de los traductores y en los "tratados" mismos de teoría de la traducción. Por ejemplo, la conocida *Introducción a la traductología* de Vázquez Ayora describe la acción de "traducir" como "la transferencia de un mensaje de una lengua a otra" (pág. 10). Este "mensaje" es especificado implícitamente en el texto entendiéndolo como "sentido" (*ibid*) "pensamiento" (*ibid*, pág. 11), etc. Pero en la página 47 al referirse al *análisis contrastivo* dice: "al traductor le interesa saber en cual de ellos (se refiere a los 'niveles' entendiéndose por tales la 'estructura profunda' y la 'estructura superficial' de tipo chomskyano) debe realizar la TRANSFERENCIA de las ideas de una lengua a otra". Así, pues, se da una identificación implícita entre "idea", "pensamiento", "sentido" y "mensaje". Independientemente de lo sostenible o no de una teoría basada en la distinción chomskyana entre 'estructura profunda' y 'estructura superficial' como si los elementos de la "estructura profunda" fueran *constantes* en una transferencia donde lo *variable* sería la "estructura superficial" (la traducción consistiría en acomodar o "trasladar" los elementos de la "estructura profunda" de una lengua a otra), todas estas identificaciones, presupuestos, hipótesis y formulaciones del problema son vagas y requieren de una serie de precisiones para evitar el cúmulo de contradicciones a que conducen.

En primer lugar, concebir la traducción simplemente como el cambio de un "contenido" de una envoltura a otra, es una simplificación en la que no se tienen en cuenta todos los elementos del "acto de habla" que es la tra-